

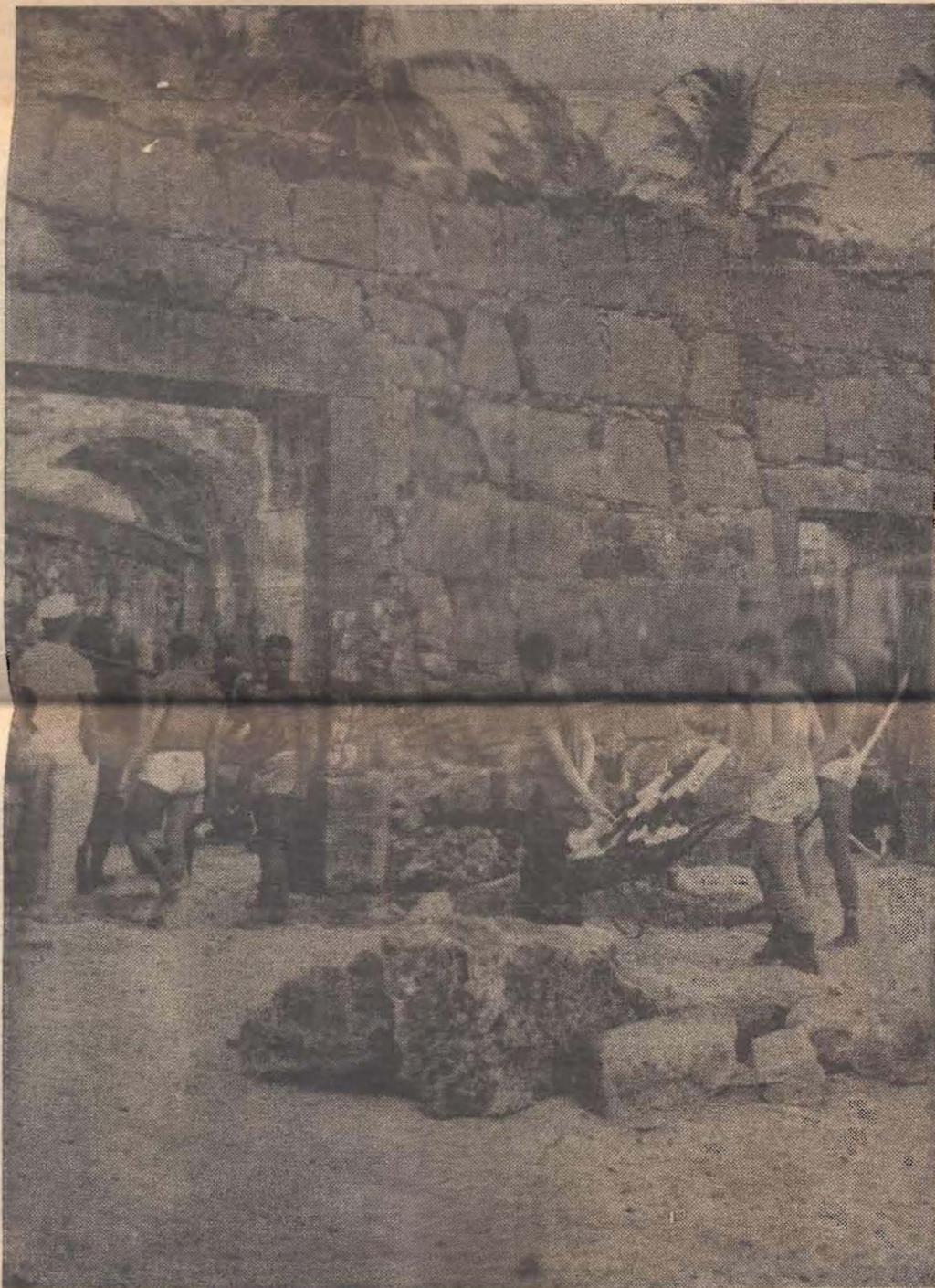
Revista do
JORNAL DO COMMERCIO

Recife, 1 de março de 1970

F. PESSOA DE QUEIROZ
Diretor

*ORANGE: antes de
tudo um forte...*





Destas ruínas, três séculos vos contemplam

De LEONARDO SILVA

Fotos de SOLANO JOSÉ

Revista do
JORNAL DO COMMERCIO

F. PESSÓA DE QUEIROZ

Diretor

LEONARDO A. D. SILVA

Editor

Durante 24 longos anos eles tentaram implantar uma colonização flamenga em terras do Nordeste. Tal domínio deu margem ao primeiro sentimento de nativismo que, pôsto em ação, veio fundir as três raças — branca, negra e índia — e dar origem ao que hoje chamamos de nação brasileira.

— Dêste período, além da farta documentação restam poucas construções, embora o nosso povo denomine toda a edificação antiga como "do tempo dos flamengos". Uma das construções que ainda resta dêste tempo, apesar de completamente transformada em suas feições arquitetônicas, é o Forte Orange, em Itamaracá.

— Em relatório datado de 1871, Francisco Raposo de Almeida assim se refere o Forte Orange: «a Fortaleza de Santa Cruz de Itamaracá, pelo seu estado imprestável, não tem mais razão de ser para o que fôra construída. Em poucos anos será um montão de ruínas, e somente servirá para atestar os gloriosos feitos que aí se deram durante a invasão e a expulsão holandesa».

Nos nossos dias, o Comando da Polícia Militar de Pernambuco, frente o coronel Gabriel Duarte Ribeiro está dando melhores atenções ao Forte Orange de Itamaracá, tendo destacado para lá um pelotão de milicianos que se encarrega da reconstrução daquele monumento histórico.

Técnicos da Diretoria do Patrimônio Artístico Nacional e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco, estão restaurando o monumento, ao mesmo tempo que são realizadas pesquisas de natureza arqueológica.

UM FORTE HOLANDESES

O Forte Orange data de 1631, sendo edificado após a tomada de Olinda pelos holandeses. Falando sobre o assunto, o historiador José Antônio Gonçalves de Melo, diretor da Divisão de História e Arqueologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFP, afirmou que «em abril de 1631 a Ilha de Itamaracá foi atacada, e nela desembarcaram consideráveis forças e, como não foi possível desalojar de seus redutos os defensores luso-brasileiros, resolveram os invasores construir uma fortificação».

Na ocasião, o historiador José Antônio Gonçalves de Melo, que nos facilitou a pesquisa para elaboração destas notas, apresentou um documento holandês que afirma: «Depois de várias reflexões e consultas com o governador e os conselheiros no Recife, situaram o forte à entrada do ancoradouro, na ilha onde nossa gente desembarcara. Em consequência dessa resolução, no dia 5 de maio foi ele demarcado pelo engenheiro Van Bueren, sendo um forte de quatro baluartes, tendo no contorno, tomado nos pontos mais extremos 132 braças».

Pieter Van Bueren, engenheiro holandês que já residia no Recife na época da invasão, foi contratado pelo governador Waerdenburch para técnico em fortificações junto ao Exército. Em relatório, datado de 23 de setembro de 1630, recomendou a destruição de Olinda ao príncipe de Orange, visto a construção de fortificações no Recife ser mais fácil e menos onerosa. Apresenta êle como dificuldade a ausência, no Recife, de pedras e cal para a construção.

HOMENAGEM AO PRÍNCIPE

Esta, segundo o nosso informante, é a mais antiga referência sobre o velho forte que teve o seu nome em homenagem ao príncipe de Orange, chefe do Exército holandês e da Casa do mesmo nome.

Com a expulsão dos holandeses em 1654 o Forte Orange, cuja feição, como veremos, não tem qualquer semelhança

com a atual, possuía 14 peças de artilharia ao todo, todas de origem flamenga, das quais seis existiam até o ano de 1871. Atualmente os canhões que ainda restam são, em sua maioria, de origem portuguesa e alguns ingleses, dos flamengos de lá existe só lembranças pois não se sabe ao certo o seu paradeiro.

Em 26 de setembro de 1671 foi nomeado para a Superintendência das Fortificações do Nordeste Oriental João Fernandes Vieira que, de imediato, requereu ao Príncipe Regente a nomeação de um engenheiro para Pernambuco. Para isso foi designado Antônio Correia Pinto, que se encarregou da elaboração da planta do forte atual cuja realização esteve a cargo de seu substituto, João Coutinho.

Em 1680, em carta enviada ao Príncipe de Portugal, João Fernandes Vieira comunica a realização de obras na Fortaleza de Orange, onde se tinham feito «todas as esplanadas de novo, carretas e quartéis de soldados e casa da pólvora, porta, estacada e fôssos em redor».

Vale ressaltar que a construção holandesa ao que parece, era de taipa e só depois da expulsão dos holandeses é que foram realizadas as obras de pedra e cal, inclusive a capela.

TIJLOS HOLANDESES

Até os fins do século passado o Forte Orange foi habitado por forças do Exército, conforme se constata nos relatórios. Com o abandono, desapareceram as principais peças de artilharia e o monumento transformou-se em um montão de ruínas.

Nas pesquisas atuais, afirma o historiador José Antônio Gonçalves de Melo, foram encontrados alguns tijolos holandeses fabricados, ao que tudo indica na Província da Frísia.

Ao contrário do que foi noticiado, todos os túmulos são de soldados, ou oficiais, luso-brasileiros, sepultados após a Restauração Pernambucana.

Todo o material está sendo recolhido e catalogado pelas equipes da Divisão de História e Arqueologia, devendo ser tema de um trabalho do historiador José Antônio Gonçalves de Melo.

Seria interessante que o Comando da Polícia Militar de Pernambuco realizasse a recuperação dos fortes de Tamandaré e do Cabo de Santo Agostinho (Castelo do Mar), os quais segundo a opinião do historiador José Antônio Gonçalves de Melo, são de grande interesse histórico e arquitetônico.

Espera-se que tal trabalho se estenda a outros monumentos — tão esquecidos de todos nós — para que, depois, as gerações futuras não nos venham condenar pelo seu desaparecimento, como condenamos o descaso de que foram vítimas o Palácio das Torres, a Igreja do Corpo Santo, o Palácio da Boa Vista, que hoje existem apenas nas crônicas históricas. Do alto daquelas ruínas, três séculos de história pernambucana vos contemplam...

